

“[...] AOS BÊBADOS, ÀS
PUTAS, AOS MALANDROS,
ÀS CRIANÇAS VADIAS QUE
HABITAM OS BECOS DE MINHAS
MEMÓRIAS”: A ESCRIVIVÊNCIA
DE CONCEIÇÃO EVARISTO
COMO FERRAMENTA
PARA DESMANTELAR
A CASA GRANDE¹

Íris Palo Borges²

Resumo

Este ensaio pretende evidenciar e discutir as consequências da colonialidade do saber no ambiente acadêmico, tendo como condutora a obra de Conceição Evaristo e de sua escrituragem e con(fusão) de si com suas personagens. A partir disso, procurei problematizar que tipo de olhar está sendo debruçado sobre literaturas como *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória* e *Olhos d'Água*, e também os motivos que levam a literatura ser um suporte de resistência, permanência e descolonização de mentes.

Palavras-chave: Branquitude; Literatura; Decolonialidade.

- 1 Este ensaio é um fragmento modificado de uma das discussões que apresento em minha dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem, elaborada entre os anos de 2020 e 2021, na Universidade do Sul de Santa Catarina.
- 2 Historiadora, Mestre em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação da Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: paloiris@gmail.com

“[...] TO THE DRUNKS, THE WHORES, THE ROGUES, THE SLUTS WHO INHABIT THE ALLEYS OF MY MEMORIES”: CONCEIÇÃO EVARISTO’S WRITING AS A TOOL TO DISMANTLE THE MASTER’S HOUSE

Abstract

This essay aims to evidence and discuss the consequences of the coloniality of knowledge in the academic environment, guided by the work of Conceição Evaristo and her writing and *con*(fusion) between herself and her characters. From this, I tried to problematize what kind of perspective is being focused on literatures such as *Ponciá Vicencio*, *Becos da Memória* and *Olhos d’Água*, and also the reasons that lead literature to be a support of resistance, permanence and decolonization of minds.

Key words: Whiteness; Literature; Decoloniality.

A lembrança daqueles que já foram é alavanca para que Conceição Evaristo comece a escrever *Becos da Memória* (2006), mais especificamente o embalo da lembrança da voz de sua avó Rita. Na introdução do romance, escreve: “A entonação da voz me jogou no passado, me colocando face a face com o meu eu-menina. Fui então para o exercício da escrita. E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada?” (EVARISTO, 2006, p. 13). A memória esquece, o que nos abre a possibilidade de construir outras possibilidades, de acordo com nossas vivências. Evaristo afirma que as ficções da memória constroem nossa *con*(fusão)³, e que tais *con*(fusões) não a constroem, pois são os pilares cuidadosamente elaborados da *escrevivência*, nas possibilidades e particularidades de enxergar um mundo que fez parte de sua construção pessoal e que hoje não existem mais, somente na reinvenção de sua memória. Há também a crítica “E continuo afirmando que a favela descrita em *Becos da Memória* acabou e *acabou*. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções” (p. 14).

Quando eu era criança, no interior de Minas Gerais, havia muito de circos com parquinhos de diversões chegarem de caminhão, ficarem algumas semanas ali armados e depois partirem para novas cidades. Meus pais levavam a mim e meu irmão nesses tão esperados eventos no começo da noite, depois de terem voltado do trabalho e da nossa aula, e sempre havia os chamados pula-pulas, brinquedos enormes e infláveis, que para nosso olhar de crianças eram quase como realidades paralelas em que um pouco se sonha, um pouco se voa.

3 O termo aparece com essa grafia no texto original da autora, na introdução de *Becos da Memória* (2006). Conforme a autora sugere grafar, *con*(fusão) seria a intenção de chamar a atenção acerca de como a confusão das pessoas entre autora e personagens é parte da escrita de si, tão importante como ferramenta de resistência.

Lembro da sensação columbina de cada pulo durar *bem mais* do que na terra, e depois, já em casa e na cama, lembrar desse sentimento de quase voo, do som dos risos e gritos infantis abafado pela mangueira que mantinha o ar dentro do pula-pula. Era um momento somente meu, ainda que os pulos de meus colegas de brincadeiras afetassem minha aterrissagem, no ar eu voava e ignorava o restante do mundo.

Essa sensação que busquei ao ler Ponciá Vicêncio. É um romance extremamente *aéreo*. Se *Olhos D'água* e *Becos da Memória* remetem à água, Ponciá é ar no ritmo, nas descrições, nas sensações. Na introdução do livro, Evaristo segreda ao leitor que nem sempre gostou de Ponciá, foi um afeto trabalhado, atrasado, e conforme fui desdobrando a leitura, talvez tenha entendido. Já conhecemos uma Ponciá apática e desiludida, nem mais a angústia ela traz no peito direito, prefere os momentos de ausência, “não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio” (EVARISTO, 2017, p. 27).

O pano de fundo do romance é uma denúncia da lógica colonialista no capitalismo, tanto na área rural, onde a família Vicêncio começa para nós, incluindo as atrocidades sofridas pelo Vô Vicêncio desde criança nas mãos dos Senhores, quanto urbana, para onde primeiro o irmão, depois Ponciá, e depois a mãe vão, perdem-se no oco do pânico e da pressa, e se reencontram no úmido das lágrimas de todas as emoções aflorando.

A agonia do não-dito me secou a garganta por muitas vezes. Mas como dizer? Vô Vicêncio, em sua radical resistência mata a esposa, tenta matar o filho e só não comete suicídio porque é impedido, e passa o resto da vida em delírio, aéreo, rindo e esbravejando sozinho. O pai de Ponciá, filho de Vô Vicêncio, nunca compreendeu o pai:

Aliás, nem sabia se um dia tinha amado ou odiado o pai. Tivera vários sentimentos em relação ao homem. Quando menino, ainda pequeno, tivera, talvez, medo, respeito, amor. Depois de tudo, pavor, ódio, e vergonha, muita vergonha, quando o pai começou a rir e a chorar ao mesmo tempo, como também a dizer coisas não inteligíveis (EVARISTO, 2017, p. 21).

O morrer em vida é trazido à tona muitas vezes. Foi tocante acompanhar o adoecimento mental das personagens. Adoecimento este que tem ilustração e reflexo no relacionamento de Ponciá com o homem por quem se enamora. Quando é compartilhado com o leitor o início do romance deles, e uma Ponciá ativa, forte, trabalhadora, tão próxima de como era na infância, que trabalhava o barro com sua mãe e tinha urgência por aprender a ler e escrever, foi a primeira vez que entendi o cenário devastador e cansativo que a definhou. Quando vai cansando, entrando em crise com sua própria identidade, Ponciá torna-se apática, não responde, fala sozinho, e isso provoca o marido a ponto de ele lidar com violência com ela. Ponciá apanha, como normalmente acontece com os incompreendidos, e apanha calada. Um tratamento de

choque ineficaz, que só traz a culpa e mais não-diálogos. O livro tem uma bola de ar na garganta.

Os sete filhos nascidos mortos, a distância da família, a presença constante do avô em Ponciá, os muitos não-ditos. As camadas de complexidade da personagem principal são por vezes jogadas no peito do leitor após passagens talvez construídas para sentirmos coisas negativas em relação à ela. Primeiro eu também quis sacudir Ponciá, depois me afundei em uma tenebrosa vergonha por não compreender o lugar em que a personagem estava. Seu homem tem um percurso semelhante.

A saudade que ela dizia sentir do pai e do avô mortos, da mãe e do irmão desaparecidos. Ela às vezes dizia também que tinha saudade do barro e, de tempo em tempo, apresentava um incômodo entre os dedos que coçava até sangrar. O homem de Ponciá Vicêncio, se não alcançava a vida outra da mulher, aceitava o que não entendia. E quando, ainda, tinha ânsias de prazer sob o sexo erguido, afastava-se dela, pois há muito a mulher havia abdicado de tudo. Pouco a pouco, mais e mais, Ponciá se adentrava num mundo só dela, em que o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma intransponível porta (EVARISTO, 2017, p. 93).

O afeto muitas vezes também é aéreo para as personagens deste livro, principalmente através do canto. O pai canta com o filho enquanto ambos trabalham na Terra dos Brancos, mãe canta com a filha enquanto trabalham o barro, o irmão canta alto quando chega na casa da infância ao ir (tentar) visitá-las, depois de um tempo morando na cidade. Um momento que achei ilustrativo e combina várias camadas de sensações do romance é quando uma das personagens, Negro Climério, cuidando do movimento das mulheres-dama que tinha a guarda, assovia sozinho pela madrugada na cidade, absorto em seus próprios devaneios. O irmão de Ponciá tenta cumprimentá-lo, mas ele não o vê. A música enquanto conforto na madrugada solitária, e também enquanto um pequeno pula-pula mental, que permite flutuar e esquecer do mundo enquanto as notas são entoadas.

O ritmo do livro é um vai e vem, como os pensamentos e devaneios das personagens. Nos momentos em que Ponciá está com a família, ou que os sentimentos são urgentes, ainda há a presença da água, assim como no barro em que ela molda com a mãe, que depois de seco ainda guardam os caprichos dos dedos das duas – assim como elas mesmas. Curiosa e afoita para comentar do livro com colegas, fiz um *tweet* perguntando das impressões de colegas que tinham lido *Ponciá*. Recebi um “me senti burra” de uma amiga doutora em História da Arte e graduanda em antropologia. Perguntei o motivo, e o ritmo cíclico foi citado, assim como as complexidades empilhadas, e ao mesmo tempo livres e flutuantes.

Leminski e “repara bem no que eu não digo” (1975) ecoou nos espaços do livro o tempo todo para mim, ao mesmo tempo que o desejo urgente de que Paulo Freire (1986) e Franz Fanon (1952) tivessem lido e

comentado a obra, pois os pontos de diálogo entre os três são intensos, me surgiu muito as questões acerca da educação libertadora enquanto ferramenta contra a opressão, e as ideias abordadas por Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), acerca da performance social de pessoas brancas tidas como norma. Apesar de ser uma temática que percorre a literatura constantemente, como um filtro, anotei em particular uma passagem em *Ponciá* que grita: “Podia ser mais, muito mais. Entretanto, Luandi só queria ser soldado. Queria mandar. Prender. Bater. Queria ter a voz alta e forte como a dos brancos” (EVARISTO, 2017, p. 61,62). Aqui se encaixam tanto a ideia de que quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é o de ocupar o lugar de opressor, de Freire, e toda a discussão feita anteriormente sobre *Pele negra, máscaras brancas*. Pessoalmente, é um dos livros com mais poesia que li, carrega a brisa, a tempestade, o marasmo e o sufocamento. Pede bagagem histórica ao mesmo tempo que sensibilidade. É um livro de ir e vir.

A escrita endógena é estratégia de revolução, uma marreta que quebra os tijolos decadentes da colonialidade do poder. A estrutura colonial é positivista: quem conta a História é escolhido a dedo. Grada Kilomba (2008) irá citar bell hooks (1989) para tratar do abismo entre *sujeito* e *objeto*. Os primeiros têm o direito de estabelecer suas próprias narrativas, nomear suas histórias; os segundos são aqueles silenciados, cujas identidades são criadas por outros (KILOMBA, p. 28). É um dos alicerces do argumento para o epistemicídio de Sueli Carneiro, da necessidade do equilíbrio das histórias de Chinua Achebe, do perigo de uma História Única de Chimamanda Adichie, o argumento central para *White Folk* de Du Bois, etc. Mudar o foco da narrativa é revolucionar a História.

Quando lemos e ouvimos intelectuais racializados⁴ e do Sul Global, essa é uma frase ecoante: aprendi que a agenda do epistemicídio inclui a homogeneização de vivências das pessoas marginalizadas pela História, geralmente acompanhada de uma intenção de caridade que muito mais serve ao ego de quem ocupa o topo da pirâmide social do que compreender e executar as necessidades de mudança. Lembro-me que, durante a graduação e participando de um grupo de estudos, uma mestranda que fazia parte do laboratório em que eu era bolsista perguntou para o grupo: “o que vocês acham que é ser uma mulher negra? O que define?” e a resposta de alguns foi “o preconceito”, a insígnia da cor como insígnia do sofrimento. Audre Lorde (1980) em seu artigo “Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença” vai argumentar que, dentro da visão de mundo dualista que nos condiciona a enxergar as diferenças humanas como oposições simplistas e com o que é bom definido sempre em relação ao lucro (o topo), demanda que haja sempre um grupo em opressão e desmanização para que outro possa ascender: “Nessa sociedade, esse grupo é formado por pessoas

4 Inclusive, eu gostaria de deixar aqui a provocação sobre o termo “racializados”, uma vez que minhas intenções, e a dos intelectuais que utilizei como aporte teórico, incluem racializar o branco.

negras e do Terceiro Mundo, pela classe trabalhadora, pelos idosos e pelas mulheres” (1980, p. 141).

Para Vergès (2019), a discussão da apropriação de pauta (e, convenhamos, uma leitura rasa de suas possibilidades) é exemplificada por ela no feminismo. A autora aponta sua particular dificuldade – da qual eu compartilho – de se denominar feminista aos vinte e um anos do século XXI, uma vez que as pautas, as expressões, e os símbolos foram apropriados pelo neoliberalismo. “As traições do feminismo ocidental são um fator de repulsa” (VERGÈS, 2019, p. 22). A possibilidade de radicalidade do movimento foi esvaziada no momento em que o capitalismo abocanhou a demanda e fez dela produto, sempre sobre questões individualistas, evidentemente, pensar no *todo* é abominável para a colonialidade do poder. Ela propõe que não rompamos com a nomenclatura, mas que adicionemos “decolonial” para demarcarmos posicionamento e reconhecimento: “Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência” (VERGÈS, 2019, p. 27).

Para compreender a colonialidade enquanto estrutura de sociedade, imagino-a como um grande prédio, que na essência é uma Casa Grande contemporânea, mas que o nosso sistema maquiou com grandes vidraças espelhadas, *wi-fi*, mais andares, divisão por setores. Mas os pilares são os mesmos: raça, classe, gênero, sexualidade, localização. Como apontou Audre Lorde na mesa-redonda “The Personal and the Political” da *Second Sex Conference* de Nova York em 1979, não adianta somente mudar o design, “as ferramentas do senhor nunca derrubarão a Casa Grande” (LORDE, 1979, p. 137). Na ocasião, Lorde aponta veementemente os problemas do episódio que se encontrava: um evento acadêmico feminista que não se dispunha a convidar mulheres negras, indígenas, latinas e/ou LGBTQI+ para debater questões que não fossem estritamente sobre “o que é ser uma minoria”. Pablo Vittar, Majur e Emicida ecoam essa indignação na canção AmarElo (2019) “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes/ Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência/ É roubar um pouco de bom que vivi”. A interseccionalidade é, para Lorde, uma ferramenta essencial para a quebra dos pactos narcísicos⁵ (no caso, entre mulheres brancas), porque abre a possibilidade da autocrítica, do ouvir, da empatia e da reconstrução – aqui, acadêmica:

É uma arrogância acadêmica particular supor qualquer discussão sobre teoria feminista sem examinar nossas muitas diferenças, e sem uma contribuição significativa das mulheres pobres, negras e do terceiro mundo, e lésbicas. E, ainda assim, estou aqui como uma feminista negra e lésbica, tendo sido convidada a comentar no único painel nesta conferência no qual dados

5 O conceito é da psicóloga Aparecida Bento (2002), em sua tese de doutorado *Pactos Narcísicos no Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*, “Branquitude pode ser vista como territorialidade e como lugar de privilégio e poder não compartilhável” (BENTO, 2002, p. 134).

sobre feministas negras e lésbicas são representados (LORDE, 1979, p. 135)⁶.

Lorde estava incomodada porque foi convidada para palestrar em um evento que se propunha plural, mas que na verdade era consideravelmente segregacionista. Mais adiante em sua fala, ela traz a problemática de propagandear uma visão inclusiva da academia, quando na verdade a *estrutura* não é atingida: seriam, para ela, os mesmos pesquisadores brancos, utilizando o mesmo arcabouço teórico, dialogando entre seus pares sobre os assuntos de praxe considerados clássicos. Mas, para dizer que eram a favor da inclusão, havia uma ala, na qual ela foi convidada a falar, que era especificamente sobre minorias. Ela continua, dizendo que esse tipo de ação promove a negação da função criativa⁷ da diferença, uma vez que esta não deve meramente ser *tolerada*, mas vista como ferramenta necessária, “[...] apenas dentro dessa interdependência de forças diferentes, reconhecidas e iguais, o poder de procurar novos meios de ser no mundo pode gerar, assim como a coragem e o sustento para agir onde não existem alvarás” (LORDE, 1979, p. 135). Lorde defende que não é suficiente para o *desmantelar* do pensamento ocidental colonialista que se crie uma ala no evento – e assim podemos também falar de todos os espaços fora da academia – para aqueles marginalizados na história. Ao fazer isso, determinamos e limitamos os temas e locais dos intelectuais de acordo com o local que partem.

No Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros e Indígenas (COPENE) de 2015, os engenheiros Watena N’Tchalá e Ramón Paredes apresentaram um trabalho procurando exaltar as contribuições africanas e afrobrasileiras nas tecnologias utilizadas nas engenharias, focando principalmente no exemplo do povo Haya, da Tanzânia, que entre 1500 e 2000 anos atrás, para produzirem aço, construíram fornos que atingiam temperaturas mais altas que os fornos europeus (200°C a 400°C de diferença), e da medicina egípcia no desenvolvimento da odontologia, que no período antigo já usavam brocas de aço fundidas e praticavam os procedimentos de colocação de prótese e drenagem de abscessos. A contribuição do continente africano para as ciências tem sofrido apagamento há séculos, e o resgate e reconhecimento desse tipo de informação auxilia no que Audre Lorde (1979) coloca como fundamental.

Grada Kilomba (2008) escreve sobre como suas produções enquanto mulher negra são uma forma de resistência anticolonial, uma

6 It is a particular academic arrogance to assume any discussion of feminist theory without examining many differences, and without a significant input from poor women, Black and Third World women, and lesbians. And yet, I stand here as a Black lesbian feminist, having been invited to comment within the only panel at this conference where the input of Black Feminists and lesbians are represented (LORDE, Audre. *The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House* in: *Sister Outsider*. Ten Speed Press, New York, United States, 1979, p. 111).

7 Lorde tem uma fala acerca do erotismo no compartilhamento, seja de ideias, seja físico, e como este impulso pode ser utilizado como força criativa inclusive acadêmica. Sobre isso: “Use of the Erotic: The Erotic as Power”, In: LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59.

vez que há a tomada de autoridade sobre a própria narrativa, e dialoga com Lorde (1979) quando fala da importância da identificação fora das estruturas vigentes, o poder da representatividade: “Em nosso mundo, dividir para conquistar deve se transformar em definir e empoderar.”⁸ (LORDE, 1979, p. 138). É preciso dismantelar a Casa Grande – neste caso, é preciso dialogar com autores que partem de experiências que não fazem parte somente do *Norte Global*. Ao trazer conhecimentos de tecnologias das Áfricas, estabelecendo trocas com intelectuais do continente ou que bebem em suas fontes e trazem o reconhecimento, e ao colocar intelectuais e profissionais indígenas para encabeçar o documentário, está-se dando os primeiros passos para que a hegemonia branca e do *Norte Global* se estilhace.

A proposta para o dismantelamento do pensamento colonial inclui um esforço coletivo, interseccional e transdisciplinar de compartilhamento das visões de mundo em tom de equidade, ao mesmo tempo que se faz uma crítica às estruturas que abrigam essas discussões. O termo *Norte Global* irá aparecer algumas vezes neste trabalho. É um conceito dos estudos pós-coloniais e decoloniais, que busca demonstrar uma geopolítica do conhecimento. Os binômios da modernidade – norte e sul, oriente e ocidente, colonizador e colonizado, branco e preto, intelectual e cultural, homem e mulher – foram estabelecidos como suficientes para explicar a experiência de *todos*. A socióloga Adelia Miglievich-Ribeiro (2014) faz cânone com os pensadores críticos à modernidade, e coloca que o simplismo das dicotomias não esgotava, explicava ou mesmo fazia sentido para aqueles que, do ponto de vista europeu das Grandes Navegações, faziam parte do *Sul Global*, do Novo Mundo:

A razão moderna dualista, portanto, impedia a compreensão de cada uma das múltiplas diferenças como uma totalidade em si mesma que se relacionavam com inúmeras outras especificidades, cada qual, também, um inteiro que não poderia ser definido em termos exclusivos da relação com algum par eleito como pólo dominante. O mundo real melhor lembraria figuras geométricas de várias faces que se combinam com outras figuras também de incontáveis possibilidades de configurações (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014, p. 70)

Mesmo que literalmente a expressão *Sul Global* signifique “países que estão no sul em relação à Europa no mapa”, é preciso que politizemos o motivo da Europa ser o norte, o marco referencial: entendamos que isso faz parte de uma lógica de superioridade, e que os intelectuais se apropriam desse termo de modo a ressignificá-lo e positivá-lo.

Em inglês há a expressão “*go south*”, que em tradução literal significa mais ou menos “ir a sul” / “descer”, “dar errado” ou, em uma linguagem urbana contemporânea, “dar ruim”. Aplicado em uma frase,

8 No original em inglês da edição *Sister outsider*, pela editora Crossing Press: “In our word, divide and conquer become define and empower” (LORDE, 1979, p. 112).

poderia ser “*if the things go south, you let me know*” (“se der errado, me avise” / “se der ruim, me avisa”). Lembro de ter visto pela primeira vez essa expressão na série *The Walking Dead*, produção de 2010 da Fox. O protagonista, que interpreta um tipo pós-apocalíptico de xerife, a utiliza com frequência – e as coisas geralmente *go south*, afinal estamos falando de uma realidade distópica.

Jack Halberstam em *The queer art of failure* (2011) coloca que é interessante que as coisas *go south*, porque assim é possível construir outros caminhos que não os previstos pela normatividade colonialista, e assim tenhamos novas possibilidades que não as binárias já esgotadas que Miglievich-Ribeiro comenta. Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo denominam esse tipo de olhar na academia de *Estudos Subalternos*, movimento formado na década de 1970, no sul asiático, com liderança de Ranajit Guha, que tinham como principal projeto “analisar criticamente não só a historiografia colonial da Índia feita por ocidentais europeus, mas também a historiografia eurocêntrica nacionalista indiana” (GROSFOGUEL, 2008, p. 116), bem como a historiografia marxista ortodoxa.

Homi Bhabha (2001) vai tratar da construção da normatividade dentro das divisões geopolíticas explicando a teoria Pós-colonial, dizendo que é função desse campo apontar e questionar construções que até então estavam sendo vistas como neutras, sejam expressões linguísticas, os pontos cardeais e toda a “normalidade hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos” (BHABHA, 2001, p. 239).

A proposta é enxergar diversas outras possibilidades de sujeitos, que o eurocentrismo – de direita e esquerda – tentaram tornar invisibilizados e subalternizados. É importante aqui colocar que aqueles que saem pela tangente Norte Global e se destacam em seu campo de saber, como Conceição Evaristo, vêm sendo colocados como *objetos* de pesquisa, e não como *sujeitos*, que por sua vez produzem conhecimento – seja este acadêmico ou não. Essa mudança na nomenclatura já carrega significado e muda o olhar de quem está acostumado a ver o Sul Global e seus pertencentes como seres *culturais* e não acadêmicos. A ideia é que não se apresente uma hierarquia entre as produções culturais e “formais”. A literatura de Evaristo, por exemplo, une os dois universos, selando com a oralitura, que de forma bastante concisa seria a presença das tradições orais na literatura, evidenciadas em seu ritmo, tom, pontuação e contagem de tempo, uma reinvenção da oralidade na literatura (PINHEIRO-MARIZ, EULÁLIO, 2016).

É importante demarcar que falo a partir de um determinado lugar, e que nossa produção é particular e pública ao mesmo tempo, circunscrita no nosso *locus de enunciação*, o que absorvemos e entendemos a partir dos filtros de nossas experiências e arcabouço teórico. Nos apropriamos da teoria de uma maneira que se encaixa em nossas visões de mundo. Uma das graças disso é observar as aproximações entre aqueles que vivenciaram processos históricos semelhantes, como

países latinos⁹ que passaram pelos processos de colonização, independência, ditadura militar, república. Ou os distanciamentos e aproximações dos processos escravagistas entre Brasil e Estados Unidos da América do Norte, e como isso se reflete na sociedade, seja em políticas públicas, racismo estrutural, manifestações e afins. Meu lugar é de uma mulher circunscrita no signo da branquitude, signatária de seus privilégios. A partir dele, procuro reconhecer e racializar a brancura, e utilizar-me do meu *locus* para a conscientização de meus pares, além da minha constante.

Nos Estados Unidos da América do Norte e em países europeus, as questões raciais têm laços mais estreitos com heranças sanguíneas do que realmente a aparência. Brasileiros que gozam dos privilégios da branquitude em nosso país natal são considerados latinos e inferiores por supremacistas brancos do norte global. A branquitude se comporta de formas distintas dependendo do posicionamento geográfico – o que é um tema debatido por autores como Oracy Nogueira (2006), Toni Morrison (1990, 2015), Stuart Hall (2006) e Michelle Alexander (2012).

O campo de estudos da branquitude no Brasil é composto por intelectuais como Lourenço Cardoso, Liv Sovik, Kabengele Munanga, Maria Aparecida Bento e Lia Vainer Schucman. Todos embasados e influenciados pelo sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, reconhecendo este como primeiro intelectual crítico à branquitude no Brasil. Escreve: “no plano ideológico, é dominante, ainda, a brancura como critério de estética social” (GUERREIRO RAMOS, 1995, p. 172). Sueli Carneiro vai também partir dos estudos de Guerreiro Ramos para falar das violências simbólicas que se amontoam para formar o conceito de *epistemicídio*.

Enquanto os Estados Unidos da América do Norte utilizam um único termo para o conceito de branquitude – *whiteness* –, no Brasil trabalhamos com *branquitude*, *branquidade* e *brancura*, sendo que a primeira está ligada à identidade, e a última a aspectos físicos (SCHUCMAN, 2012, p. 102), e branquidade aparece nos primeiros estudos publicados sobre o tema no país, como uma tradução inicial para *whiteness* (GIROUX, 1999). Brylowski, em mensagem trocada com Rosana Heringer, Diretora do Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Candido Mendes, nos revela que:

Havia este debate [dos termos branquitude e branquidade] entre os autores que contribuíram no livro, nós da equipe do Afro/UCAM, a editora e a tradutora. Ninguém chegava a uma conclusão. Se não me engano foi a tradutora que insistiu no termo branquidade, alegando que seria o mais adequado do ponto de vista acadêmico, enquanto o termo branquitude teria

9 Diana Klinger se debruça sobre o movimento literário nos países latinoamericanos acerca das escritas de si e escritas do outro, e como o processo histórico desses países acabou causando aproximações nas produções literárias, onde analisa três romances: *La Virgen de los sicarios* (VALLEJO, 1994), *Noches Vacías* (CUCURTO, 2003) e *Nove Noites* (CARVALHO, 2001). Tal trabalho foi sua tese de doutorado, se intitula “Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea”, está em domínio público e pode ser encontrado em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=198038>

uma conotação mais política, militante, inclusive fazendo referência ao seu contraponto, o termo negritude (HERINGER *apud* BRYLOWSKI, 2018, mensagem pessoal).

Dialogando entre colegas nacionais e internacionais, o campo dos estudos da branquitude no Brasil se mostra fervilhante. Na América Latina, América do Norte e Europa, me parece que o grande foco é o desmantelamento do pensamento colonialista, e para isso é necessário o entendimento das sociedades, suas particularidades e aproximações. A utilização dos trabalhos de teóricos estrangeiros se dá nesse nível.

Evidentemente, toda a estrutura do sistema-mundo capitalista ocidental se desdobra a fim de – mais do que beneficiar, – içar o homem branco, cisgênero, heterossexual e afortunado economicamente para o cume de uma organização social, e numa síncope positivista, se enxergar como um obelisco triunfante e fálico, o centro de uma quadrilha circular composta por todos os demais membros daquela sociedade, que se transpostam numa lógica interseccional, de modo que o círculo menor seja o mais próximo da categoria mais privilegiada, e assim em decrescimento, até que no último e maior círculo estejam postos, em ritmo de uma marcha forçada, aqueles que carregam as insígnias que ameaçam a doce entorpecência da ilusão de equidade. Nesse ritmo, e para evitar que uma roda se transponha à seguinte, é preciso munir devidamente nossas constituintes, e assim garantir que, quanto mais perto do grande obelisco central, mais dispositivos sejam elaborados para que as filas de círculos não se transponham completamente, alterando a cirúrgica desarmonia construída durante os séculos. Interseccionalmente falando, e voltando ao Foucault (1985), as relações de poder não estão engessadas, disseminam-se por toda a estrutura social, uma vez que são *relações*.

Para a psicóloga brasileira Maria Aparecida Bento (2002), tal ignorância acintosa é categorizada de *pacto narcísico entre brancos*, necessariamente se estruturando na negação do racismo e derresponsabilização pela sua manutenção. Em sua tese de doutorado em psicologia pela USP, Bento explicará que o silêncio perante as desigualdades raciais e a distorção do lugar de responsabilidade do branco tem um apelo narcísico de autopreservação, onde no sentido freudiano do conceito, o medo de se modificar, o medo do diferente acaba por acionar respostas agressivas ao diferente (BENTO, 2002, p. 32). Em consonância com intelectuais brasileiros como Lia Vainer (2014), Lourenço Cardoso (2010) e a própria Bento (2002), o caminho que as pessoas brancas precisam adotar para desmantelar a lógica social colonialista, seria reconhecer sua estrutura, entender os privilégios em que estamos colocados pela cor de nossa pele e questioná-los. Veiner e Bento nos trazem em suas respectivas teses, que as pessoas brancas reconhecem que as desigualdades sociais existem, mas não as associam à discriminação, e esse é um dos sintomas da branquitude.

É “curioso” realizar que a lógica comum do branco no Brasil é a de admitir o passado escravista, mas não fazer a conexão de

seus impactos na organização social presente. Esse é um exemplo de ignorância estratégica apresentada por Mills. Enquanto for interessante para a manutenção do poder, as classes dominantes irão propositalmente não linkar uma informação na outra. Enervante em tantos sentidos, perigoso em outros mais. É a partir dessas violências chamadas de simbólicas, que chegamos no que Sueli Carneiro vai denominar de *epistemicídio*. Nesse terreno movediço que é a discussão de privilégio racial no Brasil, irá estruturar o conceito de epistemicídio em um diálogo entre autores. Ela utiliza o conceito de *necropolítica*, de Mbembe (2011) e o *biopoder* de Foucault (1976), evidenciando que existe uma ação do Estado nas relações raciais, “[...] o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros, a função assassina do Estado só pode ser assegurada desde que o Estado funcione, no modo do biopoder, pelo racismo” (FOUCAULT *apud* CARNEIRO, 1976, p. 306). Desde a exiguidade de pessoas negras ocupando cargos públicos de liderança até a violência policial, a violência estatal e padronizada funciona em um esquema piramidal desgraçado, que colabora para uma morbidez normalizada.

A doutora em psicologia social Lia Vainer (2014) vai, em “Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo”, livro que publicou a partir de sua tese de doutorado na USP, nos dar um breve panorama dos estudos acerca da branquitude no Brasil: segundo a autora, o principal discurso até a primeira década do século XXI era basicamente uma ilustração dos clássicos panfletos de testemunhas de jeová que podem ser encontrados sendo alegremente distribuídos nas ruas e apresentam um rico jardim, com ampla variedade de fauna e flora convivendo de forma harmônica – o clássico desenho de pessoas com filhotes de tigres no colo – no que tange às relações raciais. Isso significa que os discursos apontavam que o “Brasil era um lugar de pacífica convivência racial, com fluidas classificações de cor e raça” (2014, p. 26). Por isso, Vainer aponta como ainda é complexo falar de raça e racismo no Brasil, já que consistem num tabu¹⁰ e que o que garante sua estrutura não são somente as questões socioeconômicas, mas simbólicas e culturais (p. 26). As pessoas brancas não são somente favorecidas nessa estrutura sobre a qual vínhamos conversando, mas a meta-alimentamos. No decorrer da apresentação do livro, Vainer vai frisar a importância das políticas públicas e da Lei nº 11.645/08 no que diz respeito a uma elucidação das relações étnico-raciais, reconhecimento de privilégios e intersecções, o que nesse tempo bastante nebuloso no âmbito da educação, é um dado que precisa ser lembrado, destacado, colado em postes pelas ruas, ocupar todos os espaços possíveis.

Kilomba (2008) escreve:

10 Conceitualmente utilizado na Sociologia e Filosofia, um tabu seria uma prática moral, religiosa e social questionável, que varia muito de acordo com a geografia e tempo que estamos nos referindo. A questão do racismo enquanto tabu aparece nos trabalhos da própria Lia Veiner (2014), mas também de intelectuais que se debruçam nos estudos da construção da sociedade brasileira, como Alberto Guerreiro Ramos (1995) e Aparecida Bento (2002).

Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político [...] e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade da minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminedou (KILOMBA, 2008, p. 28).

É esse o posicionamento que visto ao me debruçar sobre as críticas literárias para a produção de Conceição Evaristo. A fidelidade a uma mulher do Sul Global, o reconhecimento de sua história e de seus antepassados, reconhecer suas ofensivas e perceber a história e reivindicação política por trás da *escrivivência*. Interpreto Evaristo como uma mulher revolucionária, e faz parte do grupo de intelectuais do Sul Global que estão munidos para dismantelar as narrativas da Casa Grande – nosso prédio comercial decadente.

No Exame Nacional do Ensino Médio de 2018, a autora foi homenageada com trechos de suas obras impressas nas capas das provas. No mesmo ano, fez parte das leituras obrigatórias para realizar a prova de vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina. “O momento presente pede outras narrativas”, disse a autora na ocasião de uma entrevista ao G1 (2018), quando confessou sua surpresa ao receber a notícia. Evaristo é, reconhecidamente a nível nacional e internacional, um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea. Pode-se citar eventos como seu primeiro romance, Ponciá Vicêncio (2003) ser foco de pesquisa acadêmica pela primeira vez, no Brasil quatro anos após a publicação, em 2007, sendo traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos no mesmo ano. Em 2012, foi convidada pela *Brown University* para dar uma palestra intitulada *Conversations in Africana Writing: The Literary Voice in Black Brazilian Politics*¹¹. Em 2017, Evaristo foi tema da Ocupação Itaú Cultural de São Paulo, recebeu o prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura pelo conjunto da obra de suas publicações, sendo a única autora negra vencedora da categoria desde que este foi criado, em 2007. Em 2015, foi vencedora do prêmio Jabuti, e quatro anos depois, em 2019, foi a autora homenageada pelo evento, e no mesmo ano também foi homenageada na Bienal do Livro de Contagem. Atualmente leciona na UFMG como professora convidada.

A favela do livro é viva, pululante, parece um personagem por si, como um grande organismo em que abriga pequenas histórias, que juntas vão formá-la. Seu desmonte, frequente na narrativa, é morte anunciada, e a melancolia de sabermos que estamos lendo algo que foi forçado a acabar é presente. Evaristo inicia o livro com uma introdução – a edição que tenho é a de 2020 da editora Pallas, o livro original é de 1986 – e nela coloca sua sede pela escrita desde nova, no ginásio, quando um conto seu feito em sala de aula foi parar nos jornais pela temática e sensibilidade. *Becos* é um suporte de memória, “e, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (EVARISTO, 2017, p. 12).

11 Acessado em maio de 2021, disponível em <https://vimeo.com/54322727>

O que me chamou a atenção também na construção física do romance foram as divisões. Veja, estamos acostumados com uma métrica bastante específica, cheia de pontuação e sinais de *leitura* (travessões, separação do livro por capítulos, narração que acompanha um padrão do início ao fim), *Becos* não respeita as convenções do livro ocidental comum, ele é oralizado, é um corpo de causos que se aprumam a partir da figura do *griot* Bondade, que não tem casa e gosta muito dessa liberdade, de ir de barraco em barraco contando histórias e colecionando outras. Figura central nas culturas orais no continente africano, os *griot* são as ditas bibliotecas humanas, responsáveis por ir de grupo em grupo disseminar conhecimento.

Becos da Memória é um livro fluido, e digo isso tanto pelo ritmo de escrita, pela *con(fusão)* entre autora e personagens, pela constante emoção que me provoca o transbordar dos olhos, quanto pela água presente no livro, como demarcação para eventos e passagens de tempo, ou a chuva que impedia o avanço do desmonte da favela. A água está nas sensações das personagens, em seus momentos de sociabilidade e ajuda o leitor a “medir a febre” dos acontecimentos que virão. Inclui as torneiras públicas, que reúnem sociabilidade, trabalho e uma crítica ao saneamento básico irregular na favela:

Em frente da casa em que ela morava com Vó Rita, ficava uma torneira pública. A “torneira de cima”, pois no outro extremo da favela havia a “torneira de baixo”. Tinha ainda o “torneirão” e outras torneiras em pontos diversos. A “torneira de cima”, em relação à “torneira de baixo”, era melhor. Fornecia mais água e podíamos buscar ou lavar roupa quase o dia todo. Era possível fazer ali o serviço mais rápido (EVARISTO, 2017, p. 16).

Se a torneira tem o som da conversa, do trabalho, da fofoca, o rio fala sozinho. Tem voz de mudança, indica fortes reviravoltas na história: chegada de novos personagens, brigas, mortes, “*será que o rio tinha bebido as duas?*” (EVARISTO, 2017, p. 28); “*Cheguei são, salvo e sozinho, da outra banda do rio. Gostaria de ter morrido, mas estou aqui*” (EVARISTO, 2017, p. 48); “*Havia uns dois anos e pouco que o rio tinha bebido o melhor de seu eu*” (EVARISTO, 2017, p. 51).

Há também a água do corpo: sangue, suor e lágrimas. Uma das passagens do livro que me deu o estalo sobre a importância das águas na narrativa de Evaristo, foi a ansiedade feliz de Tuína ao ser pedida em casamento por Totó (EVARISTO, 2017, p. 52). Ela estava trabalhando na cozinha, toda suada, e enxuga as mãos no avental: duas águas diferentes, de duas fontes diferentes, mas que fazem parte do mesmo momento. O rio nesse momento tem um papel sussurrante: “A vida continuava como um rio em remanso” (EVARISTO, 2017, p. 53). Quando a personagem “secou”, desistiu, há alusão ao pó: “procurou a esperança bem lá no fundo do coração e só escutou a batida seca e dura do órgão” (EVARISTO, 2017, p. 75).

Mais adiante, temos resistência e vingança banhadas a suor e sangue, terminando nas águas caudalosas do Rio das Mortes, onde as

personagens “buscaram forças lá no fundo de suas fraquezas” (EVARISTO, 2017, p. 57) para confrontar os brancos que queriam tomar as terras de Pedro da Zica, e que acabara sendo assassinado por Zé Meleca a mando do Coronel, e ainda conseguira gritar “Miserável! Capacho de branco! Porco!” (EVARISTO, 2017, p. 56) antes de perder mais sangue. Lágrimas pelo luto, sangue pela resistência, o Rio que abraçava a morte de Pedro Zica quando seu corpo foi jogado pelos capangas do Coronel.

Bondade vai narrando as histórias com emoção, e desconfio que Evaristo, ao pontuá-las no texto, está também falando de si. A resiliência apontada no texto não glorifica a desigualdade e nem tem notas de meritocracia:

O próprio inimigo o fizera mais esperto. O próprio inimigo o ensinara a ler. E ele aprendera mais do que lhe fora ensinado. Sabia ler o que estava e o que não estava escrito. Sabia ler cada palmo da terra, cada pé de cana, cada semente de milho. Sabia, mais ainda, ler cada rosto de um irmão seu. Sabia, também, que estava muito perto de a mesa virar...” (EVARISTO, 2017, p. 62)

Quando o *griot* bondade narra essa parte para Maria-Nova, há um nó na garganta dos dois. Viviam intensamente o que estava sendo ali colocado, um dos Zica indo vingar a morte de Pedro e a injustiça que o Coronel e seus mandados fizeram. Uma injustiça baseada na cor da pele. Evaristo aponta em fervorosos trechos a indignação pela história se repetindo, década após década, numa falsa democracia racial brasileira, “um pouco diferente, mas, no fundo, a mísera era a mesma” (EVARISTO, 2017, p. 63). “O seu povo, os oprimidos, os miseráveis; em todas as histórias, quase nunca os vencedores, e sim, quase sempre os vencidos. A ferida do lado de cá sempre ardia, doía e *sangrava* muito” (EVARISTO, 2017, p. 63, grifo meu). A resistência em *Becos da Memória* se faz com suor e sangue, mas também se faz com educação, organização sindical, greve, roubo, mulheres que assumem a alcunha de putas, ou que negligenciam a maternidade, dependendo da personagem e do tempo, há rebeldes pra todos os gostos. “E daí? o que os vivos podem fazer? Chorar, viver, cantar, viver, padecer, viver, blasfemar, viver, rezar, viver, viver, viver, viver...” (EVARISTO, 2017, p. 76).

Também tem ritmo fluido os prazeres e ritmos das mulheres que não querem casamento e maternidade em *Becos*. Dora tivera muitos amores, intensos e rápidos. Morava numa bifurcação de três ruas, o fluxo ali era intenso, todos a conheciam, “Era feliz sempre que podia. E ela sempre podia ser feliz” (EVARISTO, 2017, p. 93). Dora uma vez engravidara, e o homem perguntou se ela gostaria de se casar. Dora não quis, e quando o bebê nasceu, o entregou para o pai, não queria responsabilidades daquele tipo, e isso é narrado com muita tranquilidade. Quando Dora conta essa história para Negro Alírio, companheiro naquela hora, ele reflete “Filho quase sempre vem sem querer. E a mulher sempre carrega tudo. Carrega barriga e as dificuldades” (EVARISTO, 2017, p. 94). É tão poderoso esse fragmento de Dora e

Negro Alírio, a liberdade dela respeitada inclusive nos pensamentos dele, revolucionário para a heteronormatividade que estamos habituados. Outra passagem que demonstra o poder revolucionário do casal está um pouco mais adiante, dessa vez nos pensamentos de Dora, quando, ouvindo a história de vida de Negro Alírio, e ouvindo seu nome “Gostou de ouvir a palavra negro pronunciada por um negro, pois o termo negro, ela só ouvia na voz de branco, e só pra xingar: negro safado, negro filho da puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais!” (EVARISTO, 2017, p. 95). *Becos* está recheado de passagens assim, de resiliência dentro do sistema-mundo colonial.

As histórias vão se sobrepondo, como os barracos na favela, um por cima do outro, cheios de história e porquês. Há passagens de festa, confraternização e amor, assim como de dor, morte e tristeza. As personagens têm bagagem, mesmo que não apresentadas ao leitor de forma longa, não é preciso. A dualidade também acontece na personagem da própria favela: há a construção de mais barracos, nascimentos de mais crianças, ao mesmo tempo em que o desmonte é continuado. Mas tanto a favela quanto seus moradores não deitam, “Ameaçados, ou melhor, confrontados” (EVARISTO, 2017, p. 137) e resistentes. O final do livro é o final da favela, rumos novos para as personagens que conhecemos, algumas mortes, algumas vidas, o mesmo embalo. Somos Maria-Nova ouvindo as histórias assim que abrimos o romance, somos embalados pela respiração da avó e o ritmo das palavras de Bondade. Da mesma forma que começamos o livro com a respiração da avó, terminamos com o ritmo das batidas de seu coração, “Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira” (EVARISTO, 2017, p. 184).

“Escrever é uma maneira de sangrar” ela diz em *Olhos d’Água* (2014, p. 68), e na minha leitura isso se reflete de maneira ampla ao narrar episódios baseados em suas experiências, em sua *escrevivência*. Literatura pontual em denunciar as estruturas carcomidas, porém insistentes, da colonialidade no Brasil que provocou a retirada do nome da autora da Fundação Palmares no ano de 2020, juntamente ao de vinte e seis outras personalidades negras emblemáticas para o país, como Elza Soares, Benedita da Silva e Gilberto Gil. Evidente, o ato simbólico do governo em exercício é desrespeitoso e impulsionado pela necessidade de desvalorizar a crítica, mas na minha percepção ilustra bastante a visão de mundo limitada do reacionário: não sei lidar, eu apago. É um modo de ser característico da colonialidade, que de acordo com a proporção do poder que o grupo exerce, pode se aproximar tanto da birra como do genocídio.

Tal reflexo colonialista também exerce papel profuso na academia: os aportes teóricos utilizados nas ciências das mais diversas sortes são, em sua maioria, de origem europeia¹². Não somente o aporte, mas a estrutura dos cursos está totalmente baseada em uma visão

12 A temática é cuidadosamente explorada no livro “A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas” (2005), organizado por Edgardo Lander e disponível na biblioteca virtual do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais.

eurocentrada, e pego como exemplo minha graduação em História, onde as disciplinas de História Moderna I e II, e História Contemporânea I e II, por exemplo, falavam apenas da história do ocidente. Tínhamos História da África I e II e História Indígena, mas o movimento não raro se dava em uma busca dessas últimas se localizarem e contextualizarem a partir de recortes europeus. Tive também quatro disciplinas de Teoria da História, onde muito dificilmente nos eram apresentados intelectuais fora do eixo Europa x Estados Unidos da América, e este tipo de posicionamento acaba por gerar consequências, que Sueli Carneiro aponta como parte do *epistemicídio*: as práticas silenciadoras de saberes do Sul Global nos âmbitos mais tradicionais das ciências.

“Vocês não me ensinam”, foi a repetição incansável de um dos participantes do Big Brother Brasil de 2021. Um homem branco, heterossexual, cisgênero, jovem e rico, que praticava suas microviolências livremente, a ignorância epistêmica como ferramenta de manutenção do sistema colonialista aplicada, e exigindo que suas vítimas atuassem também como professores. “Os opressores mantêm sua posição e se esquivam das responsabilidades por seus atos” (LORDE, 1980, p. 142). Este trabalho operou em mim no cerne da licenciatura, evidenciando que é uma desconstrução que nós, professores, devemos insistir em todos os níveis de escolaridade, para que essa fala de Lorde não seja mais necessária e um reflexo atual.

Referências

- BENTO, Maria Aparecida Silva. Pactos narcísicos do racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. USP, São Paulo, 2002.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco antirracista. Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud alianza de la Universidad de Manizales y el CINDE, Manizales, 2010.
- CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Revista Estudos Avançados, 2003.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. The souls of white folk. From W. E.B. Du Bois: Writings (Library of America, 1987), pages

923-38. Originally published in *The Independent*, August 10, 1910, and revised for the collection *Darkwater: Voices from Within the Veil*, 1920.

EMICIDA; MAJUR; VITTAR, Pablio. *AmarElo. Laboratório Fantasma*, São Paulo, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Pallas: Fundação da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Pallas: Fundação da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Pallas: Fundação da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Graal, São Paulo, 2013.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, 80 | 2008, publicado a 01 outubro 2012, consultado a 25 maio 2021. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/697>; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.697>

HALBERSTAM, Jack. *The queer art of failure*. Duke University Press, 2011.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação, episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, Rio de Janeiro, 2008.

LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005.

LEMINSKI, Paulo. *Catatau: um romance-ideia*. 3ª edição, crítica e anotada. Curitiba: Travessa dos editores, 2004.

LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1979.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. N-1 edições, São Paulo, 2018.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. N-1 edições, São Paulo, 2018.

MBEMBE, Achille. *Epistemic Disobedience and the Decolonial Option: A Manifesto*. Duke University, Transmodernity, Fall 2011.

MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2007.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. (2014). Por uma razão decolonial: Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. *Civitas – Revista De Ciências Sociais*, 14(1), 66-80. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.1.16181>

PINHEIRO-MARIZ, Josilene; EULÁLIO, Marcela de Melo Cordeiro. Oralitura em aula de língua portuguesa como espaço para diálogos interculturais. *Revista Mulemba/ Revista do Setor de Letras Africanas de Língua Portuguesa – Departamento de Letras Vernáculas. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 14, número 2, jul-dez 2016, p. 76-90. ISSN 2176-381X. Acessado em junho de 2021, disponível em <<http://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/>>

RAMOS, Alberto Guerreiro. Introdução crítica à sociologia brasileira. UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.

SCHUCMAN, Lia Veiner. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. Ubu Editora, São Paulo, 2019.

WATENA FERREIRA N’TCHALÁ; Ramón Sigifrido Cortés Paredes. Da África e dos povos africanos para o Brasil: contribuições de um conhecimento Tecnológico. In: ANAIS DO COPENE SUL, 2015. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2015. Disponível em: <<https://proceedings.science/copene-sul/trabalhos/da-africa-e-dos-povos-africanos-para-o-brasil-contribuicoes-de-um-conhecimento-tecnologico?lang=pt-br>>. Acesso em: 15 abr. 2021.